

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – DIRECTOR'S CUT
23 DE MAIO E 1 DE JUNHO DE 2024

OS HOMENS QUE EU TIVE / 1973

Um filme de TEREZA TRAUTMAN

Realização, argumento e montagem: Tereza Trautman / *Direção de fotografia:* Alberto Salvá / *Assistente de imagem:* Mário Sérgio Dias / *Direção de arte:* Alberto Leão Maia / *Música:* O Bando (Diógenes Burani, Rodolpho Grani Jr., Amíseo Issa), Caetano Veloso / *Interpretação:* Darlene Glória (Pity), Gracindo Júnior (Dode), Arduíno Colassanti (Peter), Milton Moraes (Torres), Ítala Nandi (Bia), Annik Malvil (Tânia), Gabriel Archanjo (Sílvio), Patrícia Andréa (Melanie), Roberto Bonfim (Vitor), C. Adolpho Chadler (produtor), Rogério Felipe (Rogério), Christian Bernard (Christian).

Empresas produtoras: Thor Filmes, Produções Cinematográficas Herbert Richers / *Produção:* Herbert Richers / *Produção executiva:* Carlos Frederico Rodrigues / *Distribuição:* Ipanema Filmes (1973), Verberenas (restauração digital) / *Cópia:* DCP (a partir de digitalização de negativo – imagem e som – em 35mm), cor, falado em português e legendado em inglês / *Duração:* 78 minutos / *Estreia* (primeira versão, 85 minutos): 25 de maio de 1973, Rio de Janeiro – o filme seria censurado e, conseqüentemente, ser remontado, conseguindo assim ser relançado a 11 de agosto de 1980 na presente versão, sete minutos mais curta / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de Tereza Trautman (nas duas sessões) e de Fernanda Polacow (na primeira sessão).

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

– Carlos Drummond de Andrade, primeiros versos de “Quadrilha”, in *Alguma Poesia* (1930).

Os Homens que eu Tive é um filme, a todos os níveis, de exceção. Exceção porque realizado por uma jovem mulher de apenas 22 anos no Brasil da Ditadura Militar. Exceção porque produzido independentemente pela realizadora e o seu companheiro, Alberto Salvá (o diretor de fotografia deste filme – o casal trabalharia alternadamente, quando um realizava o outro assistia), através da sua recém-fundada empresa, Thor Filmes. Exceção porque desenvolvido originalmente com a atriz Leila Diniz, antes da sua inesperada morte em 1972, inspirando-se na sua *persona* pública e em elementos autobiográficos da realizadora. Exceção porque se trata de uma espécie de *soft core* emancipatório (e emancipado), um filme erótico feminista sobre a liberdade sexual. Exceção porque, apesar da Ditadura Militar e do dito “Decreto Leila Diniz” (depois de uma entrevista “escandalosa” à atriz, a Ditadura Militar impôs a censura prévia à imprensa – o que não acontecia de forma sistemática antes de 1969), o filme estreou comercialmente e manteve-se em exibição por seis semanas, com bastante sucesso de público. Exceção porque a Ditadura resolveu proibir o filme – ao fim das referidas seis semanas – por “desonrar a família e a mulher brasileira”. Exceção porque o filme conseguira, ainda em Ditadura, ser distribuído, seis anos depois, numa versão cortada e remontada – aquela que se mostra agora – onde Tereza Trautman conseguiu preservar a essência do seu olhar libertário.

Num folheto publicitário do filme, distribuído aquando da estreia, a realizadora afirmou, “todas as coisas são colocadas abertamente, não deixo nada escondido. Afinal, numa época de repressão, com as mulheres buscando seu espaço, é necessário ter uma colocação clara e

definida, não há espaço para metáforas ou meias intenções”. Esta abordagem é simultaneamente estética e política. Política porque a *clareza* do filme é uma forma de inverter os esquemas narrativos da pornochanchada onde a liberdade sexual era, quase sempre, satirizada com fins moralistas – Trautman não dá margem para a farsa, para os duplos sentidos, nem tão pouco para grandes simbolismos (em inglês dir-se-ia *what you see is what you get*). Aliás, a escolha de Darlene Glória para o papel de protagonista (Pity) é, a esse respeito, já uma forma de inversão, uma vez que a atriz se vinha afirmando em filmes como **Os Paqueras** (1969) – título seminal da pornochanchada –, e acabara de dar corpo à prostituta de **Toda Nudez Será Castigada** (1973) – extraordinário sucesso comercial, e também ele vítima dos avanços e recuos da censura. Ou seja, a escolha de Darlene Glória é, de partida, uma escolha que trabalha segundo o contexto da auto-referencialidade do cinema brasileiro da época, com o claro intuito de refletir sobre os modos de representação desse novo gênero que então se afirmava comercialmente no país. E estética porque, de facto, **Os Homens que eu Tive** é filmado integralmente com luz natural, numa lógica de *claridade* que entende o nu feminino (e masculino) a partir de uma naturalidade sensual sem qualquer vestígio de perversão pecaminosa. O lado solar do filme é, por isso, simultaneamente quente e despido, franco e – em certa medida – encantadoramente *naïf*.

A famosa “quadrilha” de Drummond de Andrade (que aqui chamei em epígrafe) serve apenas para que, a partir dela, se organize a seguinte corruptela que resume rapidamente a trama de **Os Homens que eu Tive**: *Pity amava Dode e amava Sílvio e amava ainda Peter/ Pity amava Bia e amava Torres também / Pity só não queria estar sozinha (e talvez nem amasse ninguém)*. Eis, em três penadas, o desenho narrativo do filme de Tereza Trautman: uma estrela, onde a figura de Pity ocupa o ponto central, sempre disponível a lançar-se em investidas amorosas que, inevitavelmente, a devolvem ao ponto concentracionário do narcisismo.

Pity entende a paixão como uma forma de satisfação existencialista; é no amor que ela procura dar sentido ao desaforo que a atormenta. Já perto do final, ela di-lo com todas as letras “preciso de gente que me ame, que me ache maravilhosa. Sinto-me angustiada e não aguento estar sozinha”. Cada um “dos homens que ele teve” (e uma relação com Bia que fica pela nuance do subentendido) são sucessivas tentativas de colmatar o vazio de uma vida burguesa aparentemente satisfeita. Pity passa os dias entre a praia, os amigos e os amantes, não lhe falta nada, não tem obrigações, trabalha (como assistente de realização) apenas por companheirismo, desejo ou desfastio, vive à beira-mar e pode – se assim o entender – largar tudo e passar uns meses numa *tour* sul-americana ou viver numa aldeia indígena na amazônia. Pity tem tudo isso e nada disso a satisfaz. Assim, o desejo sucessivo pelos homens parece ser uma forma de rasgar a calma da sua vida pequeno-burguesa, de a insuflar de atrito, de contrariedades. O paradoxo encontra-se – e é isso que é delicioso – na descoberta de que o desejo de Pity já não gera fricções. O sociedade pós-patriarcal esvaziou o prazer sexual da transgressão e, totalmente liberto, ele torna-se incompleto.

Se é certo que a *mise en scène* de Tereza Trautman procura a superfície das formas (e a superfície dos corpos), numa lógica de evidência, também é verdade que – precisamente por isso – os poucos recursos simbólicos que o filme põe em marcha sobressaem. O mais evidente deles é a utilização da “chave” e a consequente ideia de *prisão* ou *fechamento*. Num filme onde todas as portas estão permanentemente abertas e todas as personagens entram em todas as divisões (e quase sempre são recebidas – literalmente – de braços abertos), note-se que as únicas portas trancadas são-no por Pity. Primeiro, tranca-se na casa de banho depois de uma discussão com o marido, Dode; mais tarde, tranca-se no quarto do palácio de Torres, quando se retira para escrever. Por oposição, as únicas chaves que se veem no filme – e logo num dos seus poucos grandes planos – agitam-se na mão de Sílvio (a mais precárias das personagens do filme que vive ao sabor dos desejos dos outros).

A graça de **Os Homens que eu Tive** encontra-se, justamente, nestas suas contradições; na forma como procura ser, ao mesmo tempo, “filme de sacanagem” e “filme de contracultura”. É certo que em muito do cinema erótico da década de 1970 o movimento *flower power*, com a sua defesa do amor livre, foi usado como pano de fundo para inúmeros títulos mais ou menos rebarbativos (normalmente mais do que menos). No caso de Tereza Trautman o que se destaca é a sinceridade com que a realizadora retrata esse contexto de emancipação sexual e a empatia com que encara a sua protagonista – epítome dessa movida. No entanto, o filme não deixa de ser suficientemente consciente daquilo que está a fazer, no modo como filma e nas reações que antecipa nos espectadores da época. Posto doutro modo, **Os Homens que eu Tive**, sendo uma crítica à pornochanchada e a um cinema da objetificação do corpo da mulher participa do seu esquema narrativo e até do seu modelo de negócio – mais não seja para melhor o perverter. Tanto assim é que Trautman inclui o *subplot* do “filme dentro do filme”, com a personagem do produtor de cinema que não tem interesse em financiar documentários sobre a luta dos povos indígenas contra a construção da Ferrovia Transcontinental através da Amazônia, mas se o filme for de “sacanagem” o caso já muda de figura (o produtor acrescenta, *tenho até uma firma japoneses que está interessada em financiar um filme de sacanagem assim com índios e coisas exóticas*). Para bom entendedor, meia palavra basta... Deste modo, **Os Homens que eu Tive** consegue – na sua ambiguidade – fazer aquilo que se diz ser impossível: ter o bolo e comê-lo.

Daí que o plano final seja tão divertidamente provocador. Ele corresponde – percebemo-lo só no fim – ao plano que abria o filme. Tratam-se, na verdade, de dois *takes* distintos da mesma cena, a primeira sem diálogos (é sobre ela que corre o genérico de abertura), a segundo que vem complicar a trama de relações. Pity – em português Piedade! – descobre-se grávida de um filho que só a ela pertence (pode ter sido concebido com qualquer um dos cinco homens “que teve”, mas isso pouco importa), no entanto acaba por aceitar que a criança fique com o apelido do marido “oficial”. Esse filho parece apaziguar o seu mal-estar, a sua angústia existencial. Assim, neste ousado desenlace, Tereza Trautman consegue ser, em simultâneo, profundamente conservadora e profundamente irónico-revolucionário. É que, no fim de contas (e depois de toda a sua rocambolesca vida amorosa, de toda a desconstrução das relações, de toda a experimentação sentimental e familiar) a protagonista reencontra-se na maternidade (!), preservando a estrutura do matrimónio (!!) e garantindo a continuação da propriedade para a descendência do marido (!!!).

Diante da extraordinária *claridade* de **Os Homens que eu Tive**, chega-se ao fim e apercebemos que a luminosidade do sol nos cegou. Mais, que desde o início já tudo estava decidido. Eis o verdadeiro prazer da transgressão!

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

– Carlos Drummond de Andrade, últimos versos de “Quadrilha”, in *Alguma Poesia* (1930).

Ricardo Vieira Lisboa